

1 3

ENTREVISTA COM LENINE

DE NESTOR MAGNO

MARXISMO LENINISTA

DE J. DE B.

MARXISMO ESCOLA DE DITADORES

DO DR. ROBERTO DAS NEVES



COOPERATIVA CULTURAL EDITORA
FOMENTO ACRATA
LISBOA

PREÇO 10\$00

CORRIGENDA

Por lapso tipográfico, algumas páginas deste livro saíram com o título errado. Desta forma, o livro em referência trata-se de «MARXISMO, ESCOLA DE DITADORES», e não «ERROS E CONTRADIÇÕES DO MARXISMO».

oooOooo

UMA NOTÍCIA IMPORTANTE

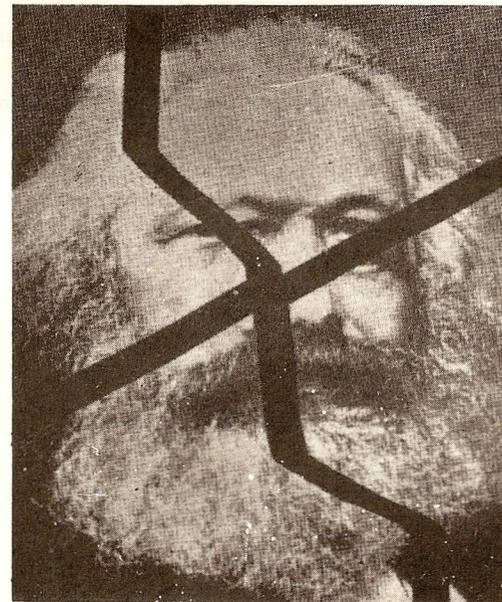
Além dos livros do veterano anarquista José Correia Pires «MEMÓRIAS DE UM PRISIONEIRO DO TARRAFAL» e «A REVOLUÇÃO SOCIAL E A SUA INTERPRETAÇÃO ANARQUISTA», ultimamente aparecidos, temos já à venda a formidável obra do escritor ABEL PAZ, traduzida do francês pelo professor Júlio Carrapato, chamado «DURRUTI, O POVO EM ARMAS», obra esta que, se não fosse sabotada e dissimulada, seria a obra de maior aceitação dos últimos anos.

30
VARLAN TCHERKESOFF

A sair brevemente:



ERROS E CONTRADIÇÕES DO MARXISMO



Centro de Cultura Libertaria de B.H.,
Caixa Postal 1293
CEP 30123-970 Belo Horizonte - MG

**ENTREVISTA HISTÓRICA DO GUERRILHEIRO ANARQUISTA
NESTOR MAGNO, COM O GOVERNANTE
BOLCHEVISTA LENINE**

Era no Verão de 1918, quando a Ucrânia foi invadida pelo Exército austro-alemão e Magno foi forçado a retirar-se para a Rússia Central, em poder dos bolchevistas.

Aproveitou Magno a sua estadia em Moscovo para entrevistar algumas das personalidades mais em evidência sobre a luta e a Revolução que se estava desenvolvendo, entre elas Lenine.

A entrevista foi preparada por Sverdlov, que era um dos membros mais proeminentes do bolchevismo russo, a quem Lenine respeitava como um seu mestre, atendendo sempre bem os seus conselhos.

Sverdlov era então presidente do Comité Executivo dos Sovietes de toda a Rússia bolchevista e dava muita importância à personalidade de Nestor Magno, pelo que se ocupou pessoalmente em que a entrevista Magno-Lenine se realizasse. Foi no Kremlin e durou duas horas.

É o próprio Magno que nos descreve, assim, esta importante entrevista:

«Lenine interessava-se muito pelo que se passava na Ucrânia, ocupada pelos exércitos invasores. Perguntou-me várias vezes como tinham aceitado os camponeses a consigna de «TODO O PODER AOS SOVIETES LOCAIS». Respondi que os camponeses interpretaram esta consigna à sua maneira. Isto é: que o poder, em todos os seus aspectos, deveria ser realizado com o conhecimento e a vontade dos trabalhadores; que os Sovietes dos deputados, operários e camponeses, locais e regionais, não eram mais que as unidades coordenadoras das forças revolucionárias e da vida económica, enquanto durar a luta contra a burguesia, os socialistas da direita e o seu governo de coligação...»

LENINE pergunta: *Crê V. que esta interpretação seja correcta?*
— *Sim!* — respondi-lhe.

LENINE: *Nesse caso, o campesinato dessa região está infectado de anarquismo...*

N. M.: É isso mau?

LENINE: «Não quero dizer isso, antes pelo contrário. Isso só me causaria regozijo, pois nada adiaría a vitória do comunismo sobre o capitalismo e o seu poder.

N. M.: Isso, dito por si, é muito lisonjeiro para mim.

LENINE: Não, não! Volto a afirmar, seriamente, que um fenómeno desta natureza na vida dos camponeses adiantaria a vitória do comunismo sobre o capitalismo; mas eu creio que este fenómeno entre os camponeses não é natural. Esta ideia foi introduzida entre os camponeses pela propaganda dos anarquistas e pôde ser rapidamente esquecida. Até sou levado a crer que este espírito, não organizado, já tenha desaparecido debaixo dos golpes da contra-reacção triunfante.

N. M.: Adverti que um grande chefe, como era Lenine, não poderia ser pessimista nem céptico. Depois de conversarmos sobre vários temas, perguntou-me que pensava eu fazer em Moscovo. Respondi que era minha intenção regressar imediatamente à Ucrânia.

LENINE: Irá clandestinamente?

N. M.: Sim! — respondi-lhe.

Ele, dirigindo-se a Sverdlov, disse: «Os anarquistas estão sempre dispostos a toda a classe de sacrifícios; são abnegados, mas também cegos e fanáticos. Deixam fugir o presente por um futuro longínquo.»

E, voltando-se para mim, afirmou que estas palavras não me eram dirigidas.

LENINE: A você, camarada, considero-o um homem de realidades, que está preocupado com os problemas actuais. Se na Rússia tivéssemos, pelo menos, uma terça parte destes anarquistas, nós — os comunistas — estaríamos dispostos a colaborar com eles, sob diversas condições, em prol da livre organização da produção.

Adverti que começava a estimar Lenine, o qual eu até há pouco tempo considerava o culpado da destruição de todas as organizações anarquistas de Moscovo, o que serviu de indicação para estas destruições se praticarem em todas as regiões que eram controladas pelos bolchevistas. Já no meu íntimo começava a envergonhar-me de mim mesmo, pelo que procurava a resposta adequada. Respondi-lhe:

— Todos os anarquistas apreciam muito a Revolução e as suas conquistas. Nisto se prova que, nestes aspectos, somos iguais!

LENINE: Não me diga isso — disse, rindo. — Nós conhecemos os anarquistas, tanto como você mesmo. A maioria deles ou não pensam nada sobre o presente, ou pensam muito pouco, apesar da gravidade. E para um revolucionário é vergonhoso não tomar resoluções positivas sobre a sua própria pessoa. A maioria dos anarquistas pensa e escreve sobre o futuro, sem perceber nada do presente. Isto é o que separa os comunistas dos anarquistas.

(Aqui Lenine levanta-se da cadeira e, passeando pelo seu gabinete, acrescenta):

— Sim, sim, os anarquistas são fortes nas suas ideias sobre o futuro; mas no presente não pisam terreno firme e são deploráveis, porque não têm nada de comum com o presente.

A tudo isto respondi a Lenine que eu, na minha condição de camponês semianalfabeto sobre esse assunto e na maneira como ele o expunha, não sabia discutir; mas sempre lhe fui dizendo o seguinte:

— As suas afirmações, camarada Lenine, de que os anarquistas não compreendem o presente e que não têm nenhuma relação com ele, estão erradas. Os anarco-comunistas da Ucrânia ou do Sul da Rússia (como dizeis vós, os bolcheviques) já têm dado suficientes provas que mostram a sua compenetração dos problemas do momento que passa. Toda a luta revolucionária do povo ucraniano contra a Rada Central da Ucrânia foi sustentada sob a direcção dos anarco-comunistas, e também, em parte, ajudados pelos socialistas revolucionários, os quais — a verdade seja dita! — tinham finalidades muito diferentes de nós, os anarquistas.

«Nos povos da Ucrânia quase que não há bolchevistas, e os poucos que possam existir não têm influência nenhuma nos acontecimentos. Quase todas as comunas agrícolas foram criadas por iniciativa dos anarco-comunistas. A luta armada do povo trabalhador da Ucrânia contra a reacção, e muito especialmente contra os exércitos expedicionários de alemães, austríacos e húngaros, foi iniciada e organizada sob a ideologia e direcção dos anarco-comunistas.

«A verdade é que vós, por terdes em conta os interesses do vosso partido, tratais de ignorar factos que são inegáveis. Vós conhe-

ceis bem a qualidade e capacidade combativa dos destacamentos revolucionários da Ucrânia; vós próprios haveis referenciado o valor com que aqueles destacamentos têm defendido as nossas conquistas revolucionárias. Pois bem, mais de metade deles entravam na luta sob a bandeira dos anarquistas.

«Os comandantes de destacamentos Macrousv, Nikiforoba, Cheridniac, Garen, Cherniak, Luñev, são anarquistas. Já não falo de mim, pessoalmente, nem do grupo a que pertença; falo unicamente dos destacamentos e batalhões que formámos de voluntários, para a defesa da Revolução. Estes factos não devem ser desconhecidos dos altos comandos da vossa Guarda Vermelha.

«Tudo isto vem demonstrar, companheiro Lenine, o erro das vossas afirmações de que nós, os anarquistas, descuidamos o presente para pensar apenas no futuro. Com isto demonstramos a todos, e também a vós, que nós, os anarco-comunistas, estamos bem competidos do presente, trabalhamos nele como o que melhor o faz e é precisamente através desta luta do presente que tratamos de conquistar o futuro. Sobre isto não pode haver dúvidas, o que é precisamente o contrário da propaganda que o vosso partido faz a nosso respeito.»

Nesse momento, calhou reparar em Sverdlov, presidente do Comité Central Executivo dos Sovietes, cujo rosto se tinha posto vermelho.

Lenine, estendendo os braços, diz-me:

— Pode ser que eu esteja enganado.

N. M.: Sim, sim — adverti. — Tem V. essas opiniões sobre os anarquistas porque está muito mal informado do que se passa, realmente, na Ucrânia. E tem piores informações sobre o papel que nós desempenhamos ali.

LENINE: Pode ser! Eu não o nego. Todo o homem tem direito a estar enganado, especialmente numa situação tão confusa como esta.

N. M.: Terminamos aqui a conversa sobre este tema.

Diz a História:

Pelas maneiras, em certos modos respeitosos, com que Lenine dialogou com Nestor Magno, poderia fazer crer que o movimento encabeçado por Magno, se não fosse promovido e ajudado, poderia, pelo menos, ser respeitado. Mas o próprio Lenine ordenou umas vezes, e outras consentiu, que o movimento Magnovista e qualquer outra manifestação anarquista fosse implacavelmente esmagado.

Este ódio contra o anarquismo, de maneira histórica, também o sentiu Leão Trotsky, que foi o real organizador da implacável repressão que sofreu, sob o bolchevismo, o movimento anarquista russo.

Milhares de anarquistas e simpatizantes tinham sido aniquilados já, antes da luta que a Majnovitchina foi obrigada a sustentar contra as forças cegas dos exércitos bolcheviques.

O MARXISMO LENINISTA de J. de B.

Visto de ligeiros modos, a Cooperativa Cultural Editora Fomento Acrata exagera ao tratar com notável insistência os problemas do marxismo e dos seus rebentos leninistas. Esta visão deformada faz supor que nos anima qualquer aversão exclusivista contra essas correntes do pensamento humano, tão naturais, afinal, como o espiritismo ou os adoradores de serpentes.

Consideramos o marxismo uma crença como tantas outras, com aspectos aproveitáveis e outros horrorosamente negativos. Este marxismo clássico pouco ou nada nos interessa nesta nossa colectânea de agora, porque há mais de cem anos bons teóricos nossos vêm tratando do assunto e com a maior competência. Se não fosse a guerra de 14, que provocou o desmantelamento do império czarista, dando uma boa oportunidade à demagogia leninista, o marxismo a esta hora estaria todo ele recuperado pela burguesia capitalista e revolucionariamente desmascarado, e o próprio leninismo outra coisa não seria, se existisse ainda, do que uma pequena seta politicante que teria a mania de se sentar ao lado esquerdo da grande maioria parlamentar marxista.

Para nós, o marxismo outra coisa não foi nunca do que uma hipótese sobre a evolução da burguesia capitalista, deixando-se transportar, sem vontade própria, pelas maneiras de produzir e pela economia de mercados, sem ter outra partícula revolucionária do que a reafirmação bíblica de que os últimos serão os primeiros, mas falhando, falhando sempre em tudo.

Pretendeu Marx depreciar todo o esforço realizado anteriormente por toda uma legião de socialistas geniais, alcunhando-os de utopistas, mas a verdade é, quanto a nós, que os ditos «utopistas» é que estavam no certo e a maior e mais negativa utopia de todos os tempos acabou por ser a tal charlatanice do seu «socialismo científico», como nos tem provado a experiência infeliz dos últimos 50 anos, na Rússia, China, etc.

A Humanidade, acostumada a acreditar na concepção bíblica, sem pecado (da Virgem Maria), não teve grandes dificuldades em acreditar nesse «socialismo científico» no messianismo proletário, no triunfo da liberdade através da ditadura e do capitalismo do Estado. Mas, tal como a Igreja de Cristo foi recuperada pelos tiranos e pelos

exploradores, assim o marxismo, saído da burguesia e da metafísica, à burguesia há-de voltar, levando por guia o próprio leninismo.

Pois este leninismo, até nas suas interpretações mais supostamente radicais, se sustenta apenas de conceitos burgueses e nada tem, para nós, de verdadeiramente revolucionário. Propostas progressistas e reformistas são uma coisa; soluções revolucionárias e anarquistas são outra e muito diferente... Por exemplo: quando Marx e o seu sócio Engels trataram com pretensões magistras a questão do salário, cada um por si coincidiram na sua insuficiência; mas quando, por sua vez, o sábio revolucionário Pedro Kropotkine tratou do salário, não tratou de saber se chegava ou sobrava: como verdadeiro revolucionário que era, limitou-se a propor a sua categórica rejeição.

Considerar Lenine, Trotski ou Staline revolucionários não passa de um grande erro do pensamento burguês. Revolucionários são aqueles estudiosos e rebeldes que encontram soluções válidas que sejam desconhecidas do inimigo, processos novos e eficazes de atingir um objectivo. Agora pretender valer-se do estado histórico para implantar o socialismo; combater os inimigos com a pena de morte, a deportação, o encarceramento, a ditadura, o estado de sítio permanente, a censura, a proibição da greve, o trabalho forçado, proibir a circulação de ideias e notícias, o passaporte interno, valer-se da mentira e da demagogia, farão o favor de nos explicar o que é que isso tem de revolucionários. De tanta opressão não há exemplos na História!

Temos a certeza que tempos virão em que os historiadores ficarão confundidos pelo facto de hoje tanta gente tomar o marxismo como uma ciência e ensinado esse imbróglio nas escolas; que em seu nome se tenham governado grandes impérios e se tivesse pretendido governar o mundo e os seus satélites. Dolorosamente devemos de constatar que uma tremenda imbecilidade também é uma possível condição humana, contra a qual devemos estar sempre prevenidos.

Veja-se, por exemplo, este disparate: dizem eles, marxistas, que as ideias políticas são geradas pela maneira de produzir e que o triunfo do seu Messias (o proletariado) «será um acontecimento fatal e inevitável, mesmo contra a vontade de toda a gente». Então, se isto é assim mesmo, para que é preciso essa luta atroz, esse sacrifício infundo, essas greves, esses combates sanguinolentos, essas revoluções à escala mundial, montanhas de cadáveres, prisões a abarrotar, luto e lágrimas

nas famílias? Nem Deus nem os diabos das Escrituras se mostraram tão martirizantes. Aqui o marxismo apresenta-se de uma estupidez fenomenal. Pois até deveria ajudar a burguesia a esmiúçar rapidamente a classe trabalhadora, para se cumprir rapidamente a sua sina. Não acham?

Chamam os marxistas o seu fatal processo histórico quando as riquezas da Terra se concentram nas mãos de reduzido número de capitalistas. Então, e só então — acreditam eles —, a miséria e a fome obrigaram os homens a criarem uma ideologia socialista. Se, por acaso, por razões que eles não explicam bem, a burguesia é derrotada antes de finalizar a sua obra de rapina generalizada, os leninistas e outros mágicos completaram a depauperização através do Estado proletário capitalista, das nacionalizações, das ocupações, etc. Irão apertando as tarraxas até completar a obra que a burguesia não conseguiu. Quando ninguém tenha nada de seu, nem maneiras de se defender; quando bens e poderes estiverem totalmente nas mãos da burocracia comunista, entraremos na sociedade ideal — dizem eles, está claro!...

Mas o que a experiência nos tem provado é que eles jamais conseguem finalizar a etapa das nacionalizações, porque, de fracasso em fracasso, vão recuando no seu processo histórico e não têm outro remédio que ir cedendo pontos aos processos burgueses de produzir. Isso já aconteceu ao Lenine, com a sua N. E. P. (Nova Economia Política). E quando quis voltar a reduzir os «kulakes» à miséria, transformou a grande Rússia, de produtora de cereais para todo o mundo, em compradora de alimentos em todo o mundo. Assim observamos como o marxismo é uma ideologia saída da burguesia e a burguesia será forçada a voltar, tal novo filho pródigo.

Como novo filho pródigo regressará o marxismo ao seio da burguesia (se a ambos os revolucionários derem tempo), e todos ficarão consolados em família, mais o seu «Messias». Os trabalhadores, os povos que tiverem a infelicidade de suportar semelhante tirocinio, a civilização (que em certos aspectos retrogradou 500 anos), não poderão jamais esquecer tão infausto acontecimento, que passará para a lenda como o Dilúvio. Felizmente que socialismos há muitos que não são marxistas; se todos o fossem, o marxismo teria descreditado o socialismo para todo o sempre.

Acontece que os Estados chamados socialistas são pouco progressivos, porque atraem sobre si o ódio das populações pela sua natureza ditatorial e opressiva; precisam de canalizar para a defesa e a repressão a maior parte das energias da população, fazendo com que os níveis de produção sejam muito inferiores aos dos regimes da burguesia, aonde o povo ainda goza de alguma liberdade. Mas, por muito nocivo que o socialismo de Estado tenha sido ou venha a ser, ainda é um regime muito meigo comparado com o seu rebento, o leninismo, e os rebentos dos rebentos, o bolchevismo e o estalinismo.

Para já, no leninismo, todo o cidadão de qualquer nação, entrando para o partido, tornou-se forçosamente traidor ao seu país de origem, porque a sua pátria deixou de ser essa. A pátria de todo o bom leninista é aquela onde vigora a ditadura do proletariado. Por isso os comunistas franceses combateram em todas as guerras coloniais contra o seu país de origem, como aconteceu na Indochina, em Marrocos, na Argélia, na Tunísia, na África Equatorial, etc. E durante o pacto germano-russo, a favor de Hitler, por ordem de Staline. Foi por esta razão que os leninistas portugueses combateram contra os soldados coloniais portugueses e promoveram a descolonização a favor dos chefes negros, também leninistas.

Esta traição ao seu país de origem, ou seja, ao nacionalismo, é seguida da traição ao internacionalismo, porque hoje os países leninistas são verdadeiros impérios e praticam o colonialismo, em nome do socialismo científico. Um colonialismo muitíssimo mais perigoso do que o imperialismo ianque, porque é praticado em nome da liberdade dos povos e de sublimes ideias de redenção humana.

Veja-se o que têm de russos os povos submetidos militarmente ao Pacto de Varsóvia. Veja-se o que têm de chinês os povos das Mongólias, da Manchúria, do Tibet e a apetecida Sibéria. Pela posse da gigantesca Sibéria, que nunca foi russa nem chinesa, estão a esta hora dezenas de milhões de soldados russos e chineses, todos leninistas da melhor qualidade, armados até aos dentes, preparando a próxima guerra. Estes marxistas em pé-de-guerra fazem-nos lembrar as nações obedientes ao Vaticano, mas que, em caso de guerra entre elas, fazem benzer as armas pelos sacerdotes da mesma religião...

A propaganda leninista é feita à base de embustes, fraudes e demagogias. Por exemplo: um dos grandes chefes golpistas portu-

gueses, de nascimento, teve o descaramento de afirmar na praça pública que «a liberdade em Portugal só poderá estar defendida se o povo votar no Partido Comunista». Ora, isto seria precisamente o contrário do que ocorreria. Já é preciso ter descaramento, se tivermos em conta que, mesmo doutrinariamente, o fundador da seita, Marx e todos os seus seguidores, são inimigos figadais da democracia e da liberdade.

Fingindo-se ignorantes, os leninistas alegam que é invocando a liberdade que os parasitas exploram, roubam, ofendem o seu semelhante, como se eles pensassem que explorar, roubar e ofender fossem actos libertários; como se eles não soubessem que a liberdade de cada um acaba aonde começam os direitos dos outros. E que toda a liberdade tornada prejudicial à comunidade desaparece quando não serve o bem comum e torna-se tirania, libertinagem. Odeiam eles a liberdade, riem-se dela e achincalham-na porque onde penetra a liberdade não é possível estabelecer ditaduras, nem sacralizar dogmas.

Eles — marxistas, leninistas e políticos de todas as pelagens — apregoam as liberdades públicas quando se encontram na mó de baixo, para iludir as multidões; mas quando estas os alcançaram ao poder político, quando o povo faz alguma reclamação, negam-lhes essa liberdade e atiram-lhes para cima com os esquadrões da repressão. Mas, particularmente os leninistas, afirmam desde já que se aproveitam das liberdades a que as democracias se obrigam, para, depois de tomar o poder político, estrangular essa liberdade, por a considerarem um prejuízo burguês.

Os anarquistas não combatem o marxismo e o leninismo por eles se dizerem socialistas ou comunistas; pelo contrário, devem ser combatidos porque, em nome do socialismo e do comunismo, pretendem tomar conta do poder para impor um poder absolutista e ultramontano. Comunistas e socialistas libertários foram sempre a maioria dos anarquistas. E é por esta razão que consideramos esses políticos mais perigosos do que os burgueses, porque estes já são mais conhecidos e só conseguem enganar quem já esteja predisposto a segui-los.

Mas estão prontos os anarquistas e todos os revolucionários a estender as mãos amigas aos comunistas, quando, nos países que eles governam, libertem os países satélites obrigados, abram as portas das

prisões aos presos políticos, desmontem os campos de concentração, acabem com o trabalho forçado, acabem com a censura, permitam publicações de todas as ideias, permitam a actividade sindical livre, o direito à greve, permitam a livre circulação de ideias, notícias e pessoas, acabando com os passaportes internos, abolição total da pena de morte. Ficamos por aqui, porque estas simples recomendações há perto de cem anos que já estão estabelecidas em todos os países verdadeiramente civilizados e funcionando em regime democrático burguês.

O MARXISMO, ESCOLA DE DITADORES

Introdução pelo PROF. ROBERTO DAS NEVES

Numa época de confusão de idéias, como a nossa, quando por tãda a parte se espalha, sob a capa de um revolucionarismo emancipador, o ópio de uma das mais reacionárias e escravizadoras religiões que têm contaminado a sofredora humanidade — o Marxismo — considere-se a maior oportunidade a tradução, para o português, d'este livro famoso de Varlan Tcherkesoff.

Na obra de Karl Marx há que distinguir duas partes: uma, que é boa, mas não é dêle; a outra, que é dêle, mas não é boa.

A primeira consiste, em resumo, na crítica da sociedade capitalista e no enunciado das teses da "mais-valia", assim chamada a parte-de-leão arrancada pela voracidade dos patrões ao salário dos trabalhadores; da "interpretação materialista ou econômica da História"; da aplicação do "método dialético" às investigações sociológicas; da "lei da concentração do capital", ou seja da "expropriação do maior número de capitalistas pelo menor"; e da "teoria do preço e do valor do trabalho".

Ora, tôdas estas teses são válidas, pelo menos relativamente. Confirmam-no diariamente as gritantes injustiças da sociedade em que vivemos, e das quais são principais vítimas os trabalhadores, sanguessugados pelo capitalismo e triturados pelo Estado. Mas tais idéias, que Marx, empanturrado da abstrusa e reacionária filosofia hegeliana e, com tãda uma tradição rabínica, passando a vida inteira divorciado do trabalho calejante e dos trabalhadores, proclamou, do alto do Sinai da sua "genialidade" e "sapiência", serem descobertas suas, não são dêle, conforme no-lo demonstra Varlan Tcherkesoff, ao longo do irrefutável e documentado trabalho que ides ler, mas sim teses e teorias já antes dêle formuladas por economistas liberais,

socialistas e anarquistas, franceses e ingleses, designadamente Sismondí, Victor Considérant, Robert Owen, William Thompson, Adam Smith, Saint-Simon, Blanqui, Gustav Thierry, David Hume, Turgot-Ricard, Baptiste Say, Proudhon, T. Rogers, Fourier e outros, de quem Marx as roubou.

E o mais curioso é que, não satisfeito com havê-las roubado, Marx ainda por cima insulta, ou pretende insultar, as vítimas dos seus descabelados plágios, chamando-lhes, pejorativamente, "utopistas", sem ter em conta que, ao contrário do que imagina ou se esforça por fazer crer, a expressão "utopistas" nada tem de depreciativo, pois, como todos sabem, as mais luminosas realizações de todos os tempos tiveram por crisálida a utopia.

UTOPIAS E "SOCIALISMO UTÓPICO"

Que é uma "utopia"? A palavra é formada pelos radicais gregos "ut" (não) e "topos" (lugar), designando um lugar que não existe senão na fantasia; por extensão, descrição de um país ideal onde tudo está organizado de modo a garantir a felicidade de todos.

O primeiro, que se saiba, a usar de tal palavra, nesta acepção, foi Thomas More (1478-1535), uma das maiores glórias do Renascimento, que em 1516 deu à luz, na Inglaterra, a sua obra imortal, justamente intitulada *Utopia*, na qual se encontram em germe tôdas as grandes reformas sociais, que se lhe seguiram e que tão poderosa e salutar influência exerceu e continua exercendo não só na Inglaterra, como em todo o mundo.

Para Marx e Engels e seus pintainhos, porém, a expressão "utopia" tem o significado pejorativo de "coisa irrealizável, devaneio de loucos sem base na realidade". Assim, é comum ouvir cacarejar êsses pobres-diabos emprenhados da infalível sapiência do Mestre: "Coitados! São uns utopistas! Coisas muito bonitas, sem dúvida, aquilo com que eles sonham, mas não passam de utopias! Talvez um dia, sim, venha o seu ideal a realizar-se, mas primeiro hão-de passar uns cem a duzentos anos sob o cabresto e o chicote da ditadura-do-proletariado, tal como a define o marxismo-leninismo. Era o que faltava, quererem ir mais depressa do que convém!.. A Natureza não dá saltos; a não ser com licença do Partido Comunista! Primeiro, têm que

grammar-nos, como comissários-do-povo, pois para isso fizemos cursos que nos habilitam para tal função!"

Ao contrário, porém, do que fazem crer os marxistas, "utopia" está longe de significar coisa irrealizável, sem raízes na terra, mas tão-sòmente aquilo que ainda se não realizou, o embrião do que há-de, um dia, quando os homens quiserem, realizar-se. Utopias foram a monarquia liberal, no tempo das monarquias absolutas; a abolição, na época da escravatura; a república, na era da monarquia de direito divino, do mesmo modo que o avião, a radiotelegrafia, o ônibus, o submarino, a viagem à Lua, etc., no tempo em que Júlio Verne escrevia os seus romances utópicos. As maravilhosas realizações de hoje foram as desdenhadas utopias de ontem, como as utopias de hoje serão as realidades luminosas e triunfantes de amanhã.

Na sua apaixonante "História das Utopias", o Dr. Max Nettlau dedicou as seguintes palavras à reabilitação dêste gênero literário tão escarnecido por Marx e Engels: "Fácilmente se desprezam as utopias, consideradas por muitos como inúteis, ilusórias, contrárias à realidade e à ciência. Guardemo-nos de seguir essas vozes secas e utilitárias. O mundo é bastante pobre, tal como agora se encontra, e tôda a utopia é uma das suas mais belas e raras flôres. O homem é verdadeiramente pobre se não afaga um sonho, se não leva no cérebro a eterna utopia de um ideal, geral ou individual, concebido na sua primeira juventude — construção muito variável, à qual acrescenta modificações em cada etapa de sua evolução moral e intelectual, que cresce, envelhece e morre com êle. Que vacuidade a do cérebro que a não conhece e que, por orgulho, resignação ou mera vulgaridade absoluta, não pensa mais além do presente! Ao contrário, o carpe diem vale sempre, mas os que estão absolutamente absorvidos por êle são seres tão incompletos como os que vivem exclusivamente no sonho, na utopia".

Ora, a utopia é, mais que um puro gênero literário, um fenómeno social de tôdas as épocas e uma das primeiras e mais antigas formas do progresso e da rebeldia fecundante e renovadora, porque o anseio que o homem sente de elevar-se acima de um presente cinzento, sombrio ou injusto, só aceitável para o tirano, o usurpador, o explorador dos seus semelhantes e para os homens sem horizontes, membros do panúrgico rebanho humano, converte-se em reflexão

sobre o futuro, em visão do que poderia fazer-se, e, finalmente, em ação, trabalho, investigação e experiência. Nem sempre, porém, a utopia vara as nebulosas do porvir. Não raras vezes, também a fantasia popular, auxiliada por algumas tradições e pelo espetáculo dos povos primitivos, entre os quais não existiam ainda espoliações, restrições e repressões, se remonta a um estado de justiça, abundância e felicidade, no passado. E' o caso da Idade de Ouro e do Paraíso, que constituíram as primeiras utopias.

Contam-se por centenas, senão milhares, as utopias engendradas pela imaginação dos escritores, poetas e filósofos de todos os tempos, desejosos de acelerar o carro do progresso social, moral ou científico da humanidade. De entre elas, destacam-se, além da já citada, de Thomas More, pela decisiva influência que exerceram ou exercem na marcha das idéias, as seguintes:

A "Politéia", de Platão, avó ancestral de todas as utopias posteriores; a "Abadia de Têleme", de Rabelais, espécie de jlanstério ácrata, que tinha por única lei o "faze o que quiseres!"; a "Cidade do Sol", do calabrés Thommaso Campanella, escrita na prisão de Nápoles, de 1620 a 1623; a "Nova Atlântida", de Francis Bacon; "Telémaco", de Fenelon, um dos livros mais difundidos em todo o mundo; a "República dos Filósofos", atribuída a M. Fontenelle; as "Cartas Persas", de Montesquieu; o "Emílio", de Rousseau; "Letho", do padre Terrason, de caráter maçônico (1731); os três espirituosos contos alegóricos de Voltaire: "Cândido", "Zadig" e "Micrómeças"; a "Idade de Ouro", de Sylvain Marechal (1782), autor do famoso "Dicionário dos Ateus", que nos descreve um país ideal regido por um anarquismo pastoril; "Equality or History of Lithconia", da qual a Europa tomou conhecimento, em 1838, através do "New Moral World", o importante órgão de Robert Owen, em cuja colônia experimental socialista, na América do Norte, foram ensaiadas várias teses contidas nesta utopia; "Walden", de David-Henri Thoreau, utopia do verdadeiro individualista, que vive nos bosques a sua própria vida; o "Humanisfério", do anarquista francês Joseph Déjacque, emigrado na América do Norte, onde a publicou, inicialmente, em folhetins, no jornal "Le Libertaire", de Nova Iorque, em 1858-1859; "Paris en l'an 2.000" (1867), do dr. Tony Moilin, mártir da Comuna de Paris, juzilado no Jardim do Luxemburgo; "Mundo Novo", de Luiza Michel

(1889); a "Icária" ou "Viagem à Icária", de Étienne Cabet, uma das mais famosas utopias, aparecida na primeira metade do século 19; "A Comuna Social", de James Guillaume, publicada no "Almanach Jurasien" para 1871; "A Conquista do Pão", do sábio libertário russo Peter Kropótkine, complemento da obra do mesmo autor "Palavras de um Rebelde"; "Looking Bakward", de Edward Bellamy, escritor norte-americano, editado em português com o título "No Ano 2.000", uma das obras que maior número de edições alcançaram em todo o mundo e que, tendo aparecido, pela primeira vez, em 1887, em Nova Iorque, inspirou a Kropótkine, que não se conformou com as soluções estatistas propugnadas no livro, uma série de artigos, sob o título "O Século 20", no jornal anarquista "La Révolte", em 1889, e, daquele mesmo autor, "Equality", posterior àquela e de maior valor, embora de menos voga; "Uma Comuna Socialista", do ar. Giovanni Rossi, anarquista italiano, cujas idéias se plasmaram na Colônia Cecília (2), onde camponeses e operários italianos desbravaram um terreno virgem doado pelo imperador D. Pedro 1.º, em Palmeira, Paraná, Brasil, ali instalando uma coletividade livre e experimental, "sem ideal preconcebido" (como frisa Rossi, em livro posterior, no qual reconheceu ter a experiência, que durou alguns anos, demonstrado ser possível a vida em regime libertário); "O Louco e Seus Dois Irmãos", de Leon Tolstoi (1886); "News From Nowhere" (Noticias de Nenhuma Parte), do pintor inglês William Morris; "Freiland" (Terra Livre), do dr. Theodor Hertzka (1890); "Freiland in Deutschland" (1895), do dr. Franz Oppenheimer; e "Der Judenstat" (o Estado dos Judeus), de Theodor Herzl (1896), estas três, de israelitas, a quem o marxismo repugnava pelo desprezo a que votava a liberdade, considerada como um "preconceito burguês" e que deram origem à criação dos primeiros "kibutzim", "moshavim" e "kvutso", coletividades agrícolas e industriais, de tipo cooperativo e comunista (não marxista ou autoritário, mas libertário), hoje florescentes na Palestina (3); "Les Amours de l'Age d'Or" e "Evenor et Lucippe", de George Sand (1885); "Mundos Ima-

(2) Com este título, publicou Afonso Schmidt, há pouco falecido, um livro de que já se esgotaram duas edições, com a história desta experiência anarquista.

(3) Sobre as referidas utopias e o funcionamento destas coletividades, leia-se "O Novo Israel", por Agustin Souchy, uma das obras mais interessantes sobre o assunto publicado pela Ed. GERMINAL.

ginários e Mundos Reais" (Viagem Pitoresca pelo Céu) (1865), do astrónomo Camilo Flammarion, que nesta obra resume as fantasias utópicas concernentes aos outros planetas; "Fecundidade" e "O Trabalho", de Émile Zola; "Sur la Pierre Blanche" (publicada em português com o título "Cristianismo e Comunismo") e "A Ilha dos Pinguins", ambas de Anatole France; "Fragmentos de História Futura" (1904), do filósofo francês Gabriel Tarde; "Grève des Amoureuses", de Camille Périer; "The Agnostic Island" (A Ilha dos Agnósticos), de F. J. Gould (1897), publicação de livres-pensadores; "Le Christ au Vatican" (O Cristo no Vaticano), que em muitas edições se atribui a Victor Hugo, mas que, na realidade, é do republicano francês Jacques Antoine Chappuis; "Nouvelle Abbay de Thélème", de Louis Estève (1906); "La Nueva Utopia", de Ricardo Mella, e "El Siglo de Oro", de M. B., ambas publicadas no "Segundo Certame Socialista", Barcelona, 1890; "La Leggenda del Primo Maggio" (A lenda do Primeiro de Maio), do poeta e jurista italiano Pietro Gori (1909); "Terre Libre", de Jean Grave (1903); "Os Anarquistas" (1891) e "Die Freiheitsucher" (1920), ambas do anarquista individualista J. H. Mackay; "Ten Men of Money Island" (Dez homens na Ilha do Dinheiro), de Seymour F. Norton, na qual são discutidas as espinhosas questões do câmbio, que na época do aparecimento desta obra (Londres, 1896) agitavam os individualistas ingleses e americanos; "Como Faremos a Revolução", dos anarco-sindicalistas franceses Émile Pouget e Émile Pataud, inspirada na concepção revolucionária do sindicalismo orientado pelos anarquistas (1909); "O Meu Comunismo (ou A Felicidade Universal)", do francês Sébastien Faure, tendo por tema, como o anterior, a instauração da sociedade libertária por meio dos sindicatos revolucionários; "La Ciudad Anarquista Americana", editada, sem menção do autor, em 1914, em Buenos Aires, por "La Protesta", diário da Federación Obrera Regional Argentina; "Uma Utopia Moderna" e "O Mundo Libertado", de H. G. Wells; "Les Pacifiques", entrevedo a anarquia integral de uma idade longínqua, no terreno clássico de numerosas utopias, desde Platão, a Atlântida; "A Vida Eterna" e "O Quinto Evangelho" (a vida e a pregação do Cristo anarquista-individualista, em linguagem bíblica) (4), de Han

(4) Esta obra, uma das maiores da literatura universal e a que mais contribuiu para que fôsse concedido ao seu autor o título de "Príncipe dos Contis-

Ryner; "The Twentieth Century" (O Século 20), pelo sábio *sexólogo* inglês Havelock Ellis (1900); "Náufragos", de Adrian del Valle, *aventura* de um grupo de milionários que, em companhia de seus criados, naufragam, a bordo de um iate, salvando-se a custo e indo parar a uma ilha deserta do Pacífico, onde, despojados das suas riquezas e dos seus privilégios, reconstroem a sua vida, fundando, naquelas paragens, uma sociedade libertária (o tema deste romance é o mesmo da famosa "Ilha Misteriosa", de Júlio Verne, que pode também por isso, a par de utopia científica, ser incluída entre as utopias sociológicas, pois, como "Os Náufragos" de A. del Valle, nos pinta a existência de um grupo de homens que, tendo naufragado e arribado a uma ilha deserta, ali vivem, durante muitos anos, sem propriedade privada, sem dinheiro e sem Estado, na maior harmonia e felicidade).

Na literatura brasileira, registram-se três notáveis utopias: "Harmonia", de Afonso Schmidt; "Há 2.000 Anos", do famoso escritor Francisco Cândido Xavier, sob o pseudônimo de "Emanuel", e "Viagem ao Planeta Marte", de Ramatis. Tanto a segunda, como a terceira, sob a forma de obras mediúnicas, refletem a aspiração ideal da nossa época, de uma pátria planetária, sem fronteiras, sem dinheiro, sem exércitos, sem tribunais, sem cadeias, numa palavra sem Estado, na qual os povos se entendem por meio de um idioma comum e resolvem os problemas coletivos por mútuo e livre acôrdo, e onde a intoxicante alimentação cadavérica, que predispõe à doença e ao crime, foi substituída pela alimentação vegetariana. O supracitado livro de Francisco Cândido Xavier tem esgotado sucessivas edições e corre, hoje, traduzido e editado em esperanto pela S.A.T. (5), através do mundo, tendo sido, por intermédio da língua mundial, vertido em numerosas outras línguas.

Na literatura russa, apareceram também, como não podia deixar de ser, numerosas utopias. Além da já citada, de Tolstói, são dignas de menção: "La Rugha Stelo" (Estrêla Vermelha. Cito em

tas Filosóficos", num plebiscito entre os escritores da França, promovido pela Academia Goucourt e por Romain Rolland, foi recentemente publicada, em tradução portuguesa, pela Editora GERMINAL. É a primeira de Han Ryner que aparece no nosso idioma.

(5) "Sennacleca Asocio Tutmonda", Avenue Gambetta, 67 — Paris 29.º

esperanto, porque foi na edição esperanta que li, há muitos anos, esta obra famosa), de Bogdanoff (1910), cujo tema consiste numa viagem ao planêta Marte, onde os visitantes, da Terra, encontram a vida organizada de conformidade com a concepção marxista; e "Como ficaram os camponeses sem autoridades", publicada, sob a firma de Stenka Zayaz, em 1919, ou seja nos primeiros anos após a Revolução, obra inspirada na concepção anarquista, como do seu título se infere. Depois desta, não se conhecem outras utopias. O motivo é fácil de deduzir se nos lembrarmos de que na Rússia, país de regime totalitário, não existe liberdade de imprensa nem artística, e que a utopia é considerada, no "país do socialismo", como um gênero literário "herético", "pequeno-burguês", "anarcóide". O genial escritor Pasternack teve a idéia, depois da queda de Estáline, de tentar ressuscitá-la. Todos sabem o que lhe aconteceu. E' que a Rússia, apesar do abrandamento do regime de terror, desde a morte de Estáline, ainda se não reconciliou com o sonho e com a liberdade, que continuam a ser ali considerados, desde Lénine, como "futilidades" e "preconceitos burgueses". Ao devaneio tolerante, libertador e criador da utopia, preferem os marxistas o realismo frio e esterilizante do dogma.

O SOCIALISMO UTÓPICO DE MARX

Em defesa dos socialistas liberais e anarquistas, roubados e escarnecidos por Marx, sob o apôdo de "utopistas", cumpre acrescentar que eles não se limitaram a compor utopias arrancadas à fantasia ou com materiais da simples observação. A maioria dêles, senão a totalidade, ensaiaram-nas em colônias experimentais e jantários. Foi o caso de Robert Owen e de Fourier. O primeiro dêstes, como atrás dissemos, chegou à América-do-Norte em 1824, e ali, juntamente com o anarquista-individualista norte-americano Josiah Warren, fundou a colônia "New Harmony", onde foram ensaiados vários sistemas de economia estranhos ao mundo capitalista. Foi lá que Warren, antecipando-se a Marx e ao próprio Proudhon, graças aos resultados da experiência, formulou a teoria do valor, que os marxistas, erroneamente, atribuem ao seu pontífice. E' conveniente, a propósito, recordar que Marx, como os demais economistas burgueses, distingue entre o chamado trabalho especializado e o ordi-

nário, atribuindo ao trabalhador intelectual remuneração mais elevada que ao operário manual. Assim, entende que uma hora de trabalho do médico, do professor, etc., equivale a duas de trabalho do tecelão, do sapateiro, da enfermeira, do trabalhador rural, etc.. Warren estabeleceu a mesma diferença, mas, ao contrário de Marx e demais economistas burgueses e reacionários, a favor dos operários ocupados em trabalhos pesados, desagradáveis e insalubres.

Do exposto se conclui que o verdadeiro "socialismo científico", no exato significado do termo, é o daquêles a quem os marxistas designam por "utopistas", e que "socialismo utópico", no sentido pejorativo que os marxistas emprestam a esta expressão, é o elaborado por Marx, que jamais submeteu as suas teorias (que, como está provado, não são dêle, mas daquêles a quem chama "utopistas") ao contrôle da experiência, de conformidade com o método científico, limitando-se a examinar os dados oficiais, frios e raramente exatos, das estatísticas. Quer, pois, no sentido que os marxistas dão às palavras "utopia" e "utópico", quer tendo em conta que a ciência sociológica de Marx é tôda ela, ou quase tôda, dos "utopistas", a conclusão, por mais estarrecida que seja para os partidários do "injálive!" economista, não pode ser outra senão a de que, em qualquer dos casos, Marx é um "utopista" e, portanto, que o marxismo é, nada mais, nada menos, que um "socialismo utópico", na pior acepção atribuída, claro está, pelos marxistas, a esta expressão.

MARX, UM NÓVO MESSIAS

Ao sair da Universidade de Berlim, envernizado de ciência econômica, o jovem doutor em direito e neto de rabinos, à semelhança do Menino Jesus entrando na sinagoga para discutir com os doutores da Lei, resolveu entrar no movimento operário, não como aprendiz de revolucionário, mas, como pontífice e ditador, para desancar os maiores vultos do socialismo. O sabichão começou por, no seu livro "A Sagrada Família", escrito em colaboração com outro sabichão, Friedrich Engels, surrar os irmãos Bauer, os mais libertários da juventude que freqüentava o filósofo Hegel, a quem Marx tanto ficou devendo. Depois, na "Ideologia Alemã", ao longo das oitocentas páginas do enxundioso calhamaço, baixa o porrete sobre Max Stirner, o famoso individualista-anarquista, precursor do existencialismo,

autor do imortal "O Único e a sua Propriedade" e o mais original dos pensadores alemães, conforme o reconheceram pensadores da estatura de Nietzsche e Schopenhauer, que naquela obra foram beber muitas das suas idéias. Na "Miséria da Filosofia", atira-se, como cão raivoso, contra o genial teórico do anarquismo, Proudhon (êste, sim, autêntico proletário e revolucionário), esquecido de que, antes, o incensara, confessando ter sido a sua famosa obra "Que é a Propriedade?" que o convertera ao socialismo, e proclamando-o "exponente máximo do socialismo proletário" e a referida obra "um manifesto científico do proletariado francês". Outros sobre quem êle, com seu verdadeiro nome ou sob o pseudônimo de Engels, derramou a sua bilis, foram Weitling, o discípulo revolucionário de Fourier; Blanqui, o grande Bakúnine e seus discípulos; Ferdinand Lassalle, os revolucionários da Comuna de Paris, o naturalista Vogt, os marxistas Bebel e Liebknecht; os seus próprio genros, Lafargue e Longuet; Fürbach e Dühring. Com Bakúnine as coisas estiveram em vias de ficar pretas, porque, tendo o autor de "O Capital" posto a circular a infâmia de que o grande agitador russo estava a serviço da polícia secreta do tsar, Bakúnine decidiu ir procurá-lo e exigir que êle provasse tal acusação. Diante da atitude firme e decidida de Bakúnine, Marx, sabedor de que o seu antagonista não era para graças, acovardou-se e enguliu a infâmia, asseverando que jamais lhe dera curso.

Entretanto, êste homem ressentido, permanentemente azêdo contra tudo e todos, que só em si próprio descobria perfeições e que se sentia fadado para ser o que, na realidade, veio a ser, um nôvo Messias, fundador de uma nova religião, o Marxismo, era, pelos motivos que ides ler na obra do célebre libertário russo Varlan Teherkesoff, o homem menos autorizado para criticar os outros, particularmente aquêles que, como Proudhon, Bakúnine e os seus discípulos, e os revolucionários da Comuna de Paris, haviam, quer nos seus livros de critica ou filosofia social, quer nas barricadas (aonde o medroso Marx jamais se atrevera), afirmado o seu amor ao povo, aos vilipendiados, e a sua decisão de ajudarem a proscrever da Terra os inimigos implacáveis da humanidade: o Estado e o Capitalismo, ou seja a opressão e a exploração do homem pelo homem ou do homem pela sociedade.

MARX, PROFETA FALHADO

Mas, então, nada do que Marx se atribui ou do que os marxistas lhe atribuem lhe pertence? — indagará o leitor. Sim, pertencem-lhe, pela menos, três coisas: as deturpações que introduziu nas idéias que roubara (dir-se-ia que com o objetivo de, como fazem os ladrões de automóveis, as tornar mais dificilmente reconhecíveis pelos seus autores), as profecias e a ditadura-do-proletariado.

Não desejando ser inferior aos seus gloriosos antepassados semitas (desde Ezequiel a Nostradamus), Marx meteu-se, como êles, a profeta. E, então, preferindo às utopias as profecias (de mais sabor bíblico), pôs-se a congeminar vaticínios. Assim, baseando-as na decantada teoria da "concentração do capital" (que furtara de Buret e Victor Considérant), lançou aos quatro ventos, entre outras, a predição de que a Revolução Social iria estalar, dali a pouco, por fatalidade histórica (à semelhança dos ouriços dos castanheiros), nos países atingidos pela superprodução industrial, ou concentração capitalista (Alemanha e Inglaterra), onde a mão do proletariado, "produto e coveiro do capitalismo", não teria mais que fazer senão apanhar as castanhas tombadas da árvore do Capitalismo. O proletariado não precisava, sequer, de fazer fôrça, como pediam os velhos profetas bíblicos, "para ajudar as profecias a realizar-se", pois bastaria curvar-se (ante os novos senhores, ou seja Marx e Engels, ditadores do proletariado, por êste quindados às culminâncias do Poder) para apanhar do chão as castanhas, que na onirologia marxista eram a representação do socialismo.

Com efeito, diziam Marx e Engels no seu famigerado "Manifesto Comunista": "Os comunistas concentram a sua atenção sobre a Alemanha, porque êste país encontra-se às vésperas da revolução burguesa (determinada pela concentração capitalista. As palavras em redondo são acrescentadas por mim, para tornar mais clara a frase. R.N.), a qual dará ao proletariado alemão, mais evoluído que o da Inglaterra do século 17 e o da França do século 18, a oportunidade de implantar o socialismo. Esperamos, pois, que a revolução burguesa seja o prólogo da revolução proletária".

Este radioso augúrio foi feito há 117 anos. Os acontecimentos comprazeram-se em opor o mais cruel e formal desmentido ao "infalível" profeta do socialismo "científico" e às suas tão "cientifica-

mente" elaboradas predições. O proletariado alemão apanhou, realmente, muita castanha, mas de outro género. Em vez de instaurar o socialismo, obedeceu, com servilismo e entusiasmo de escravos, às ordens de mobilização do kaiser Guilherme 2.º e do seu Estado-Maior, seguindo para os campos-de-batalha, a exterminar os seus camaradas de além-fronteiras e a deixar-se, êle próprio, exterminar, "para maior glória da pátria" dos seus amos.

Isto foi em 1914-18. Vinte anos depois, o mesmo proletariado, em que Marx e Engels haviam deposto as suas máximas esperanças, como o mais evoluído do mundo e perfeitamente educado na escola do "socialismo científico", novamente à via da luta-de-classes, conduzente ao socialismo (êsse paraíso na Terra anunciado pelos hierofantes do marxismo), preferiu deixar-se arrastar, como carne-de-canhão, para os campos ensangüentados de Marte, a serviço dos interesses imperialistas.

A culpa não coube, porém, é preciso proclamá-lo, sòmente ao proletariado alemão, mas, mais do que a êste, ao "infalível" papa do "socialismo científico", o qual cometera dois tremendos erros: primeiro, não compreendera que a consciência de classe, que, como dissera Marx, o desenvolvimento das forças de produção, do tráfico mundial, etc., despertam no proletariado, é facilmente anulado pelo nacionalismo, sentimento estreito e reacionário, diametralmente oposto aos interesses do proletariado e da humanidade, e por isso tão acarinhado sempre por todos os ditadores ou candidatos a tais, como se verifica pelos regimes totalitários dos nossos dias; segundo, os dois pontífices do "socialismo científico" haviam transmitido ao proletariado a crença, de que estavam possuídos, de que não era necessário fazer força para realizar a transformação social, pois bastar-lhe-ia curvar-se e colher do chão as castanhas do socialismo caídas de maduras, por fatalidade histórica, do velho castanheiro do capitalismo. O proletariado alemão acreditou nos sacerdotes máximos da religião marxista (se o "socialismo" por êles descoberto era "científico", não podia errar), e o resultado foi que, quando chegou a hora e, ao contrário do que haviam prognosticado o profeta Marx e repetido o seu sacristão Engels, se verificou ser preciso fazer força para derrubar as castanhas do socialismo da árvore do capitalismo, o proletariado alemão reconheceu que não estava preparado para empresa tão gigantesca.

Sim, Marx e Engels erraram e, com êles, o proletariado alemão, que foi quem pagou as favas, deixando-se, por duas vêzes, massacrar nos campos-de-batalha por interesses que não eram os seus, mas sim dos seus senhores, os donos da pátria. A Revolução Social, que os áugures do socialismo "científico" vaticinaram para breve, na Inglaterra e na Alemanha, não estalou, até hoje, em nenhum dos dois países de superprodução capitalista, mas, ao contrário, o proletariado, em vez de alcançar a sonhada vitória, sofreu, na segunda daquelas nações, em vez da prognosticada vitória, duas tremendas derrotas: a primeira, com Rosa Luxemburgo e Karl Liebknecht, na revolta espartaquista; e a segunda, sob Hitler, ambas sob o signo marxista. Contradizendo o profeta Marx, a Revolução estourou, sim, mas no país onde precisamente menos poderiam esperá-la os marxistas, na Rússia, que acabava de sair do feudalismo, com um capitalismo incipiente e, portanto, sem nenhuma das condições exigidas nas profecias de Marx para a revolução. Estourou na Rússia, porque os trabalhadores, operários, camponeses e intelectuais, orientados pelos anarquistas e socialistas-revolucionários (exterminados, mais tarde, por Trótski, Lênine e Estaline), não deram ouvidos às profecias de Marx, e por isso, não esperando que da árvore do capitalismo caísse, por fatalidade histórica, o fruto sazonado do socialismo, decidiram colhê-lo êles próprios, desencana-deando, num suprêmo esforço da vontade, a revolução, e estabelecendo, por meio dela, naquele país, o socialismo. Êste regime durou ali três anos, e não mais, por culpa dos marxistas, que tiveram artes de resuscitar o Estado (sempre o maldito Estado!) que submeteu os sóviets, instituições eminentemente populares. Depois, de "recuo estratégico" em "recuo estratégico", fizeram a Revolução atolar-se no pântano, onde chafurda hoje, do mais odioso dos capitalismo, o capitalismo-de-Estado, com maior diferenciação de classes e de salários do que o dos velhos países capitalistas, e, o que é pior, com a mais monstruosa tirania de que há memória na História, a da falsamente chamada "ditadura-do-proletariado", que outra coisa não é senão ditadura do nôvo patriciado, a burocracia do Partido Comunista, nova classe privilegiada.

A DITADURA-DO-PROLETARIADO E OS LIBERTÁRIOS

A "ditadura-do-proletariado" — eis outra invenção de Karl Marx, outra obra autêntica do Marxismo, infelizmente, porém, também má.

Na "Crítica do Programa de Gotha", redigida por Marx em 1875, lê-se: "Entre a sociedade capitalista e a sociedade comunista, estende-se um período de transformação revolucionária, que vai da primeira à segunda. A este período corresponde outro de transição política, durante o qual o Estado não pode ser outra coisa senão a ditadura-do-proletariado". Já antes, no "Manifesto Comunista" (1847), escrevera: "O primeiro passo na estrada da revolução proletária é o da ascensão do operariado ao posto de classe dominante. O proletariado aproveitar-se-á do seu domínio político para arrancar, pouco a pouco, à burguesia, todo o capital, para centralizar todos os instrumentos de produção nas mãos do Estado, quer dizer nas mãos do mesmo proletariado, organizado como classe dominante".

Mais tarde, Lênine reafirmaria, na sua obra "O Estado e a Revolução", a tese marxista: "Só é marxista aquêle que estende o reconhecimento da luta-de-classes ao reconhecimento da ditadura-do-proletariado". E, mais adiante: "O proletariado necessita do Estado apenas durante certo tempo. A supressão do Estado, como idéia finalista, não é o que nos separa dos anarquistas. O que nos separa deles é que nós afirmamos que, para se chegar a essa finalidade, é indispensável utilizar temporariamente os instrumentos, os meios e os processos do poder político contra os exploradores, assim como, para suprimir as classes, é indispensável estabelecer temporariamente a ditadura da classe hoje oprimida". "O Estado desaparecerá, à medida que desapareçam as classes e não haja, por conseguinte, mais necessidade de oprimir nenhuma classe. Mas o Estado não estará completamente morto enquanto sobreviva o "direito burguês", que consagra, de facto, a desigualdade. Para que o Estado morra completamente, é necessário o estabelecimento do comunismo integral"

Socialismo sempre fôra, antes de Marx, sinônimo de sociedade sem classes, isto é, sem classe dominante e classe dominada, ou seja sociedade de homens livres e iguais. Mais tarde, porém, apareceu Karl Marx, que falsificou o socialismo e inventou a "ditadura-do-proletariado", coisa inteiramente estranha ao socialismo. Depois de

Marx, veio Lênine, que completou a obra de falsificação do socialismo, revelando-nos, em tôda a sua hediondez, a verdadeira fisionomia do marxismo, quando, no seu programa econômico, tornado público nas vésperas da revolução de Outubro (de 1917), consignou a seguinte definição: "O socialismo nada mais é do que o monopólio do Estado". Nestas palavras, mostrava-nos Lênine que, sob a capa da emancipação dos trabalhadores, o que os marxistas pretendiam era, nada mais, nada menos, do que estabelecer, não a ditadura-do-proletariado (pois este, no dia seguinte ao da revolução expropriadora e niveladora, seria a classe única, portanto tôda a sociedade), mas a ditadura do partido comunista, que fundaria, como aconteceu, de conformidade com os programas de Marx e de Lênine, um Estado totalitário, mastodôntico, monopolizador de tôdas as atividades humanas, destinado a triturar impiedosamente, com a sua terrível dentuça, os trabalhadores.

Noutro ponto do mesmo livro, Lênine acrescenta: "A distinção entre marxistas e anarquistas consiste no seguinte: 1) Os marxistas, embora se proponham destruir o Estado, não creem isto realizável senão depois da destruição das classes e como resultado da vitória do socialismo, que terminará pela destruição do Estado. Os anarquistas, por seu turno, querem a supressão completa do Estado, de um dia para o outro, sem admitir as condições que, segundo os marxistas, oferecem a possibilidade de suprimi-lo. 2. Os marxistas proclamam a necessidade de o proletariado se apoderar do poder político, de destruir completamente a velha máquina do Estado e de substituí-la por um novo aparelho, consistente na organização dos operários armados segundo o tipo da Comuna. Os anarquistas, por seu turno, ao reclamarem a destruição da máquina do Estado, não sabem como nem por quê o proletariado deve substituí-la, nem que uso deverá este dar ao poder revolucionário. Condenam inclusive todo uso do poder político por parte do proletariado revolucionário e repelem a ditadura revolucionária do proletariado. 3. Os marxistas querem preparar o proletariado para a revolução, utilizando o Estado moderno. Os anarquistas rejeitam este método."

Se cotejarmos estas linhas com as do "Manifesto Comunista" e de "O Capital", concluiremos facilmente que Lênine falseava, neste ponto, a tática marxista, pois os marxistas não se propõem destruir o Estado, mas simplesmente preveem a sua desapareção natural, como

consequência da destruição das classes por meio da ditadura-do-proletariado, o que equivale a dizer do socialismo-de-Estado, ao passo que, mais lógicos (pois sabem que as classes não existem sem o Estado, que é o guardião da classe dominante), os anarquistas querem destruir as classes por meio da revolução social, que suprime, simultaneamente, o Estado e as classes. Lénine não ignorava esta interdependências entre aquele e estas, pois reconhece claramente, noutro passo da sua obra, que "o Estado é a arma de que se vale a classe dominante para manter submissa a classe dominada". E por saber tudo isto e obrar como se o não soubesse, é que Ema Goldman, a grande anarquista russa residente na América-do-Norte e que à Rússia regressou expressamente para tomar parte na revolução de Outubro, desmascarou Lénine, chamando-lhe "grande jesuita".

Ora, se o Estado é, efetivamente, o cão-cerbera da classe privilegiada ou dominante, o que equivale a dizer do Capitalismo, como o reconheceram os próprios coriféus do marxismo leninismo, cabe perguntar: porque é que na Rússia, onde, segundo os chamados comunistas moscovitas, só existe uma classe, a dos trabalhadores, e onde foi suprimido o capitalismo, subsiste o Estado? Das duas, uma: ou na Rússia, efetivamente, não existem mais classes, e então o Estado subsiste como sobrevivência miasmática de um tenebroso passado de opressão, que os atuais administradores mantêm com sádicos objetivos; ou, ao contrário do que afirmam os comunistas moscovitas, a Rússia continua dividida em classes, e então compreende-se a sobrevivência do Estado, como instrumento indispensável à classe dominante para impor o seu domínio à classe dominada. (Sublinhei acima comunistas moscovitas, porque os comunistas de Pequim sustentam o contrário, isto é, que a Rússia se conserva dividida em classes). De qualquer maneira, a conclusão só pode ser uma: a Revolução orientada pelos marxistas, que, como parteira da sociedade nova, deveria ter dado nascimento ao socialismo, fracassou estrepitosamente.

Efetivamente, a Rússia, pelo que se conclui dos testemunhos imparciais de todos quantos a têm visitado, burgueses e revolucionários, incluindo entre estes tantos comunistas de valor, que emigraram para aquele país, sinceramente decididos a dedicar-se à grandiosa obra da "construção do socialismo", e que de lá voltaram, anos depois, totalmente desiludidos, está cada vez mais distante do verda-

deiro socialismo. (A lista dos desiludidos é enorme, não valendo a pena reproduzi-la aqui, pois nos tomaria muito espaço. Limitar-nos-emos, porisso, a recordar um exemplo de casa: Osvaldo Peralva, o qual, tendo sido, por vários anos, diretor da imprensa do Partido Comunista brasileiro, foi para a Rússia, a convite dos dirigentes do Komintern, que nêle farejavam o futuro Lénine do Brasil, com o objetivo de fazer o curso de estado-maior. Osvaldo Peralva permaneceu em Moscou e em Praga cerca de quatro anos, ao fim dos quais regressou ao Brasil totalmente desencantado. Em vez do socialismo, que êle esperava ir encontrar na "pátria do proletariado", o que êle viu ali foi apenas "fascismo vermelho", conforme confessa no seu terrível depoimento intitulado "Retrato", obra interessantíssima, confirmadora do que aqui afirmamos, e à qual se seguiram outros dois livros do mesmo gênero: "Líderes soviéticos" e "Pequena História do Mundo Comunista" (6).

O MARXISMO ROMPEU PARA SEMPRE A UNIDADE ENTRE AS CORRENTES DO SOCIALISMO

Os acontecimentos demonstraram que as diferenças entre anarquistas e marxistas não eram tão superficiais como fazia crer Lénine. Nas vésperas da Revolução de Outubro, as colisões entre as duas principais correntes revolucionárias eram frequentes nos comícios e em toda a parte onde o povo discutia a maneira de reestruturar a vida em seguida à farsca revolucionária, que todos consideravam iminente. Enquanto os oradores bolchevistas (marxistas) gritavam: "Os trabalhadores devem organizar o Estado, de acôrdo com a concepção de Marx e de Lénine, começando por encampar todos os meios de produção (a terra, as fábricas, as minas, etc.) e colocá-los sob o controle imediato do Estado, do qual ficarão sendo propriedade!", os anarquistas opunham-lhes: "A terra deve pertencer aos campones-

(6) Osvaldo Peralva, a quem os dirigentes comunistas brasileiros, furiosos com a publicação dos seus terríveis libelos contra os moscovitas, acusaram de vendido ao "imperialismo yanque", é hoje diretor-superintendente do "Correio da Manhã", um dos mais desassombrados jornais liberais do Brasil, ao qual tem sabido imprimir uma orientação que é um desmentido às atoardas dos fanáticos partidários de Moscou. Tendo-se esgotado rapidamente a 1.ª edição, aparecida há dois anos, "O Retrato" reapareceu recentemente, em edição de bolso da Livraria do Globo, de Porto Alegre.

ses, que a amanhã e a fazem produzir! As fábricas pertencem, de direito, aos operários, que as fazem. As minas são dos mineiros, que, com risco da própria vida, extraem das suas entranhas o minério necessário à sociedade. As escolas devem ser propriedade dos professores, e só estes devem organizá-las como entendam, para que elas cumpram a sua finalidade. Em resumo, só os trabalhadores de todos os ramos, manuais e intelectuais, devem dispor dos instrumentos-de-produção que fazem funcionar, assim como dos produtos do seu trabalho. O Estado é a arma da classe dominante, e porisso tem de ser eliminado juntamente com ela. Se os trabalhadores, ao fazerem a sua revolução, pouparem o monstro, o parasita, o proxeneta chamado Estado, terão perdido a revolução, pois o monstro ressuscitará a classe dominante, e os trabalhadores ficarão, de novo, na mó de baixo!"

Para resolver estas diferenças, que ameaçavam comprometer a revolução, convocou-se, nas vésperas da grande comoção social, uma reunião de representantes das várias correntes revolucionárias, a-fim-de encontrar-se uma fórmula que permitisse a colaboração indispensável entre elas. Ficou assente que se deixaria a cada corrente a liberdade de organizar a sua própria vida de conformidade com os seus pontos-de-vista próprios. Significava isto que cada uma das correntes reconhecia às outras o direito de praticar, na vastíssima extensão da Rússia, os seus métodos e sistemas, a título experimental, sem se hostilizarem entre si. Os anarquistas admitiam que aqueles que se considerassem incapazes de se administrarem, aceitassem a tutela do Estado, isto é, se submetessem à direção de outros homens, os governantes, aparentemente iguais a eles. Por seu lado, os marxistas comprometiam-se a deixar que os anarquistas e os trabalhadores, operários, mineiros e camponeses, influenciados por eles, se regessem diretamente, dispensando a tutela do Estado, cuja legitimidade e critério administrativo não reconheciam.

De conformidade com este pacto, os libertários, que haviam ocupado lugar na primeira linha da revolução, trataram de proceder em consonância com as suas doutrinas. Assim, por exemplo, na Ucrânia, a parte mais civilizada da Rússia europeia, organizaram os operários e camponeses em comunas e sindicatos, por meio dos quais procuraram resolver os problemas concernentes à existência. Ao mesmo tempo, constituíram um exército voluntário, o qual

sob a orientação de Maknó, um antigo padeiro anarquista, passara doze anos nas masmorras do tsar e fôra restituído à liberdade por Kerenski, revelando-se, mais tarde, um estratega genial, por três vezes salvou a revolução, derrotando, por meio de luta de guerrilhas, os exércitos, muitas vezes superiores em homens e armamentos, de Denikine, Wrangel e Koltchak, constituídos pelos restos dos exércitos austro-húngaros da guerra de 1914-18, armados e enviados para a Rússia pelo capitalismo internacional, com o objetivo de esmagar a Revolução em marcha.

Pois, quando era de esperar dos marxistas entronizados no governo central de Moscou, se não a sua adesão aos libertários, pelo menos um cada vez maior respeito pela sua dedicação à causa do povo e fidelidade ao acôrdo espontaneamente firmado com eles, foi o contrário o que se verificou. Enciumado com o extraordinário prestígio alcançado subitamente por Maknó e, de modo geral, pelas organizações anarquistas dos camponeses e operários da Ucrânia, Trótsky, então à frente do Exército Vermelho, ordenou uma ação armada contra eles. E assim, quando os guerrilheiros libertários da Ucrânia, após haverem infligido tremenda derrota aos invasores, numa batalha junto ao estreito de Perikope, à qual haviam sido solicitados pelo próprio Trótsky, se retiravam, com a satisfação do dever cumprido, caem inesperadamente sôbre eles, à traição, dois corpos do Exército Vermelho, que os destroçam, entre dois braços de uma tenaz. Maknó, com o corpo crivado de balas, salva-se, como que por milagre, dentro de um carro de feno, e, alguns dias depois, alcança a fronteira, refugiando-se na França, onde faleceu, anos depois, de tuberculose. Estava, desta forma, rota para sempre a unidade das correntes do socialismo, pela traição dos que mais estridentemente gritam por unidade. Atois idênticos de traição praticaram, diariamente, contra os anarquistas, socialistas e republicanos, os bolchevistas, mais tarde, na guerra de Espanha, onde eles se revelaram o inimigo n.º 1 do povo espanhol e da causa da liberdade.

Desde os três primeiros anos da Revolução de Outubro, a Rússia caracteriza-se pelos seguintes aspectos essenciais, que constituem o maior desmentido às afirmações dos ingênuos que, apesar de tudo, persistem em ver na Rússia (assim como em Cuba, país igualmente orientado pelos totalitários do marxismo) um país socialista: Em

primeiro lugar, é o país onde com mais terrível sanha se tem perseguido o comunismo e os comunistas (em nenhum outro país do mundo eles têm sido exterminados em tão elevado número); como nos países declarados fascistas, designadamente a Alemanha de Hitler, a Itália de Mussolini, o Portugal de Salazar e a Espanha de Franco, apresenta ausência total das chamadas "liberdades fundamentais do cidadão", ou seja a de eleger os seus representantes (sindicais e outros), a de criticarem na imprensa os atos dos governantes, a de reunião, a de propaganda de qualquer ponto-de-vista ou credo considerado "herético", isto é contrário à verdade "oficial"; a de viajar, até mesmo dentro do país, pois no que concerne à de viajar para o estrangeiro, o muro de Berlim dispensa-nos de comentários; a liberdade de criação artística (o drama de Pasternak é bastante elucidativo); etc., etc.. Em resumo, quase meio século depois da grande gesta revolucionária, do muito alardeado pelos socialismo "científico" imposto à revolução russa, vemos de pé somente o que esta nada mais já tem de socialismo e nada daquilo que tampouco jamais foi ciência.

O reconhecimento destas verdades ajuda-nos a compreender por que os totalitários de todo o mundo se inclinam para os totalitários russos. Sirva-nos de exemplo o caso de Salazar e Franco, preparando, nos últimos meses, como tem sido revelado pela imprensa mundial, acordos, respectivamente, com os governos da China comunista e da Rússia, e chegando ao ponto de darem instruções à censura para que não permita a publicação na imprensa de ataques aos regimes daqueles países. Ao mesmo tempo, numa estranha coincidência, as polícias políticas de Salazar e Franco deixam fugir, no mesmo dia e à mesma hora, de três prisões diferentes, cerca de vinte dos principais dirigentes comunistas. Na Argentina, Venezuela, Brasil e outras nações, os detritos do fascismo ("pelegos", como o povo aqui os designa) e os bolchevistas dão-se, acumpliciadamente, as mãos, contra os democratas e partidários da liberdade, de todas as tendências. E' a solidariedade dos afins.

Some-se ao que fica exposto a permanência, na Rússia (depois de quase meio século da Revolução de Outubro), do salariato e das classes (sinais do capitalismo), para não falar já do Estado na mais brutal das suas formas, e não nos restará a menor dúvida de que

a Revolução dirigida pelos marxistas, ou, pelo menos, inspirada nos ensinamentos de Marx, foi um deus que falhou, depois de, como Saturno, devorar os seus próprios filhos.

O Marxismo, com o gélido frio do seu "materialismo dialético", jêz murchar as esperanças no socialismo, que o generoso calor das utopias acendera no coração da humanidade.

Porém, como bem diz Nêrvio, o proletariado e, mais que o proletariado, todos os homens, não importa quais sejam eles, que anelam, para a sociedade e para o indivíduo, um destino superior, não devem jamais destruir uma esperança, não devem nunca negar um propósito, senão de maneira nobre e criadora: dando vida a novas possibilidades, que por si mesmas anulem, tornem supérfluas e anacrônicas, as instituições que se repudiam. Não deve ser nosso propósito matar uma fé, mas afirmar essa fé: a fé no homem, a fé na vida livre, à margem dos Salvadores, dos Messias, por mais inspirados que se creiam.

Porisso afirmamos: é preciso recomeçar. Traçar, com valentia, um bosquejo de empresa planetária, que mobilize para a criação livre todos os homens da Terra, que atraia e seduza a ânsia de ação das gerações novas, que, ao arco tenso e à flexa inflexível da vontade afirmativa, fixe um ponto de cobiça.

E' necessário rasgar as velhas e falidas normas, porém despertando, em seu lugar, firmes e audazes iniciativas. E, sobretudo, que estas se inspirem sempre na compreensão de que os homens são, não um meio, mas um fim.

BIBLIOGRAFIA

Além das obras citadas no texto desta "Introdução":

- Bernstein, Edward — "Die Voraussetzungen des Sozialismus und Aufgaben der Sozialdemokratie" (recém-editado no Brasil, pela Ed. Zahar, com o título de "Socialismo Evolucionário").
Dommanget, Maurice — "Histoire du Premier Mai".

- Fabri, L.* — “Ditadura y Revolución”.
- Fromm, Erich* — “O Mêdo à Liberdade” e “Psicanálise da Sociedade Contemporânea”.
- Lanti, E.* — “Chu konstruighas socialismo en Sovetio?”
- Maximoff, G. P.* — “The Politikal Philosophy of Bakunin (Scientific Anarchism)”.
- Mendes, Silva* — “O Socialismo Libertário ou Anarquismo”.
- Nettlau, Max* — “Socialismo Autoritário y Socialismo Libertario” e “Historia de la Anarquia”.
- Proudhon, P.-J.* — “Sistema das Contradições Econômicas” e “Confissões de um Revolucionário”.
- Prunier, André* — “Marxismo e Anarquismo”, *in-Cenit*, p. 1340-43.
- Read, Herbert* — “Anarquia y Orden”.
- Rocker, Rudolf* — “Influências das Idéias Absolutistas no Socialismo”, “Nacionalismo y Cultura” e “Revolución y Regresión”.
- Russel, Bertrand* — “O Erro Intelectual do Comunismo”.
- Sanftleben, Alfred* — “Utopie und Experiment”.
- Santos, Mário F. dos* — “Análise Dialética do Marxismo”.
- Steinberg, I. N.* — “In the Workshold of the Revolution”.
- Vóline* — “Révolution Inconu” (Histoire sincère de la Révolution Russe).

A COOPERATIVA CULTURAL EDITORA FOMENTO ACRATA, não procurou apresentar qualquer brilharete novedoso e controverso, antes preferiu este velho trabalho, bem conhecido dos mais veteranos, até na língua portuguesa.

Com isto pretendemos, pela miléssima vez, demonstrar que o ideal anarquista é o único que sem heresias nem claudicações, admite que cada homem, anarquista ou não, tenha a sua própria filosofia individual da vida do Homem e das suas sociedades.

Godwin, Proudon, Stirner, Bakunine, Kropotkine, Tucker, Tolstoi, revolucionários e filósofos aqui, esboçados, fazem parte de uma pleiade de pensadores, que por vezes sem terem conhecimento entre sí, chegaram as mesmas ou parecidas conclusões, o que nos prova a justeza das soluções anarquistas.

Fariamos uma enorme injustiça se não mencionássemos, mesmo que ligeiramente, mais alguns dos geniais constructores do anarquismo moderno, que deram a esta filosofia tal robustez e invencibilidade que os seus naturais inimigos (políticos, exploradores e tiranos, tirando a baba, a calunia e a falsidade, só a metralhadora podem dar combate.

Escrivas de aluguer, fariseus, políticos, charlatães, totalitários da esquerda e da direita, tudo fazem por ocultar as personalidades, as idéias e a vida de grandes gigantes como o foram os irmãos Reclús, E. Malatesta, S. Ford, Luisa Michel, R. Tagora e mais de mil de igual calibre.

Pela Cooperativa JUEB

Leia os periódicos Anarquistas

**A BATALHA,
IDÉIAS, ETC.**

Leia os periódicos Libertários

**A VOZ ANARQUISTA
ACÇÃO DIRECTA
O PASQUIM, ETC.**

**Pedidos ao Movimento Libertário de Almada
Caixa Postal 40 Almada**

Publicações já feitas pela COOPERATIVA
CULTURAL EDITORA FOMENTO ACRATA

E. Malatesta

SOLUÇÃO ANARQUISTA PARA OS
PROBLEMAS SOCIAIS

O QUE QUEREM OS ANARQUISTAS

Pedro Kropotkine

A MORAL ANARQUISTA

ANARQUIA, SUA FILOSOFIA, SEU IDEAL

Liberta

O REI E O ANARQUISTA

Sebastião Faure

12 PROVAS DA INEXISTÊNCIA DE DEUS

S. Agourski

PARALELO ENTRE OS SISTEMAS ECONÓMICOS
«OCIDENTAIS» E «SOVIÉTICO»

Tcherkesoff e Rodolfo Roker

ERROS E CONTRADIÇÕES DO MARXISMO

Pedidos a José de Brito, Travessa do
Cabral, 35 A, 1.º Telefone 32 73 54 Lisboa 2



**Digitalizado e socializado pelo Grupo de Estudos Anarquistas do Piauí
(GEAPI)**



<http://anarquistas-pi.blogspot.com>

ANARQUIA É LUTA!